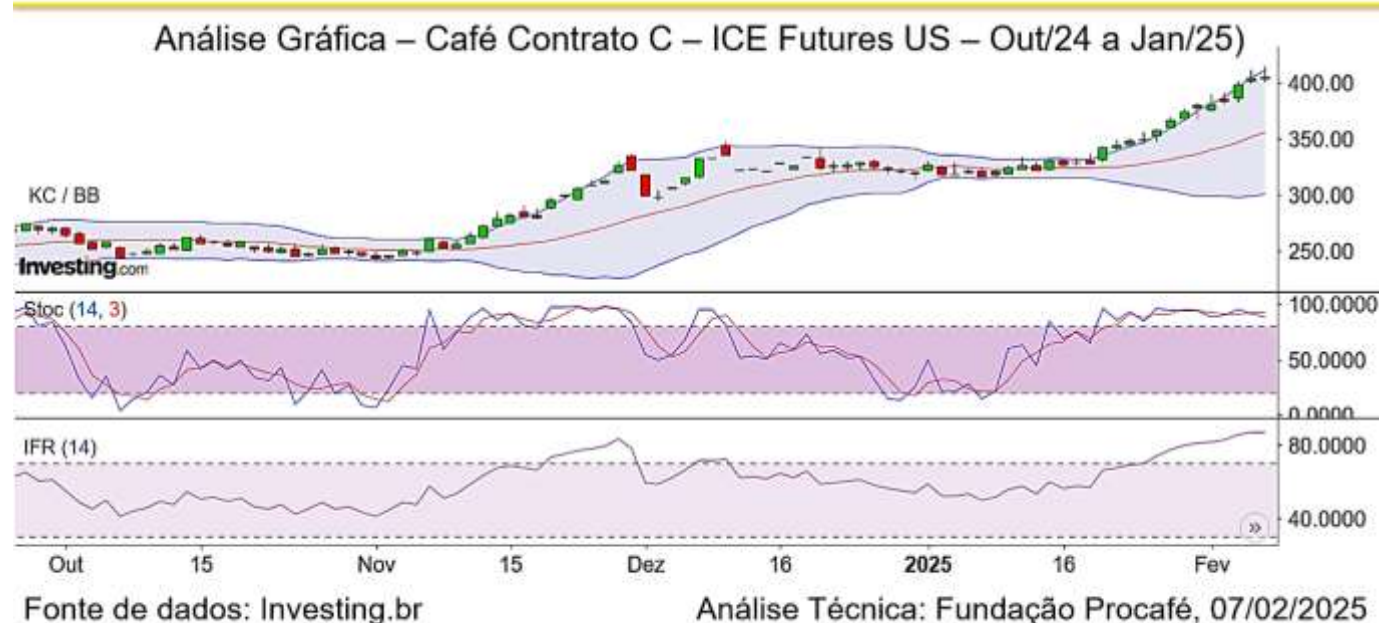


Até quando a alta das cotações deve durar??

No mês de janeiro/2025, o café Arábica, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios em 326,85 cents/lb, chegou a trocar de mãos na máxima de 381,05 cents/lb e encerrou o mês com fechamento em 377,85 cents/lb, portanto, mais um mês de novos recordes históricos. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), iniciou com o fechamento do primeiro dia de negócios em USD 4.977,00/ton, chegou a trocar de mãos na máxima de USD 5.840,00/ton e encerrou o mês em USD 5.694,00/ton, portanto, assim como na Bolsa de NY, mais um mês de novos recordes históricos na Bolsa de Londres também. Os motivos desses movimentos nas principais Bolsas de café do mundo com algumas perspectivas futuras, a seguir...



Fechamentos - Mês de Janeiro/2025

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R\$/sc)	R\$ 2.300,00	R\$2.630,00	R\$ 2.630,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R\$/sc)	R\$ 2.200,00	R\$2.540,00	R\$ 2.540,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R\$/sc)	R\$ 1.880,00	R\$2.160,00	R\$ 2.160,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R\$/sc)	R\$ 1.795,00	R\$2.030,00	R\$ 2.030,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	316,45	377,85	377,85
Bolsa SP - [B] ³ - tipo 4/5 (USD/saca)*	397,30	462,25	462,25
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)**	4.796,00	5.709,00	5.694,00
Câmbio - PTAX - USD/R\$	R\$ 5,8301	R\$ 6,2086	R\$ 5,8301

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.

*Contrato/Vencimento: Março/2025

**Contrato/Vencimento: Maio/2025

FATORES DE SUSTENANÇAÇÃO (ALTA)

No primeiro mês do ano de 2025, mais novidades relacionadas aos fundamentos evidenciaram o fato de que o setor cafeeiro nunca enfrentou um risco tão alto relacionado ao desabastecimento de café como enfrenta atualmente. E qual a consequência? Naturalmente, recordes e mais recordes de preços, tanto na Ice Futures US (Bolsa de NY) quanto na Ice Futures Europe (Bolsa de Londres).

Quanto aos fundamentos de oferta e demanda, com relação ao ciclo 2024/25, a revisão dos números do relatório de oferta e demanda global do USDA (Departamento de Agricultura dos EUA) publicada no mês de dezembro/24 segue prevalecendo como um dos principais fatores de sustentação das cotações. Como esperado, o USDA revisou a safra 2024/25 do Brasil, anteriormente estimada em 69,9 milhões de sacas, para 66,4 milhões de sacas, portanto, 3,5 milhões de sacas a menos em função da seca aliada às elevadas temperaturas no decorrer do ano de 2024. Consequentemente, de acordo com o USDA, a safra global de café para 2024/25, anteriormente estimada em 176,235 milhões de sacas, também sofreu uma queda, indo para 174,855 milhões de sacas. No relatório do USDA, é possível observar que parte da revisão negativa da safra brasileira para o ciclo 2024/25 foi amenizada por uma revisão positiva para as safras do Vietnã (+1,1 milhão de sacas), cuja nova estimativa é de 30,1 milhões de sacas ante 29 milhões estimadas anteriormente, e da Colômbia (+500 mil sacas), cuja nova estimativa é de 12,9 milhões de sacas ante 12,4 milhões estimadas anteriormente. Num comparativo de produção entre o Arábica e o Robusta/Conilon, é possível perceber uma revisão oposta, isto é, enquanto a estimativa de produção global do Arábica sofreu redução, a do Robusta/Conilon sofreu acréscimo. Em suma, as estimativas mais recentes de produção do Arábica encontram-se da seguinte forma: 2023/24 (96,379 milhões de scs); 1ª estimativa 2024/25 realizada em junho/24 (99,855 milhões de scs); 2ª estimativa 2024/25 realizada em dez/24 (97,845 milhões de scs). Já as estimativas mais recentes de produção do Robusta/Conilon apresentam-se da seguinte forma: 2023/24 (71,625 milhões de scs); 1ª estimativa 2024/25 realizada em junho/24 (76,380 milhões de scs); 2ª estimativa 2024/25 realizada em dez/24 (77,010 milhões de scs). De um modo geral, apesar da revisão negativa para o ciclo 2024/25 em -1,38 milhão de sacas, a safra global 2024/25, atualmente estimada em 174,855 milhões de sacas, segue apresentando acréscimo de 6,851 milhões de sacas frente à safra global anterior (2023/24), estimada em 168,004 milhões de sacas pelo USDA.

É importante notar que o acréscimo de 6,851 milhões de sacas do ciclo 2023/24 para o ciclo 2024/25, apontado pelo USDA em seu último relatório, não é o suficiente para trazer alívio para o quadro de escassez, ao menos é o que segue apontando a relação percentual dos estoques de passagem frente ao consumo global. Longe disso, ao analisar tal relação, é possível perceber que o cenário dos fundamentos segue apontando aperto para o ciclo 2024/25. O USDA revisou o consumo global para o ciclo 2024/25, anteriormente estimado em 170,634 milhões de sacas, para 168,071 milhões de sacas. Porém, como os estoques globais de passagem foram revisados negativamente e de modo mais robusto (-4,917 milhões de sacas), saindo de 25,784 para 20,867 milhões de sacas, a relação estoque%/consumo global, anteriormente apontada em 15,11%, atualmente corresponde a 12,42%, um nível mais alarmante ainda.

Ainda com relação aos fundamentos, é importante ressaltar que apesar do incremento de 1,1 milhão de sacas apontado pelo USDA em sua nova previsão para a safra 2024/25 do Vietnã,

estimada atualmente pela Entidade em 30,1 milhões de sacas, de acordo com a VICOFA (Associação de Café e Cacau do Vietnã), o novo ciclo cafeeiro 2024/25, que no Vietnã se iniciou em out/24 e termina em set/25, deve ter uma produção estimada em 1,47 milhão de toneladas (24,5 milhões de sacas), o que representa, inclusive, queda em relação à safra anterior, estimada pelo USDA em 27,5 milhões de sacas, devido ao clima adverso que o país também enfrentou, em especial, no período das floradas que lá, ocorrem entre março e abril. Além disso, as projeções do USDA para a safra vietnamita 2024/25, estão realmente acima das expectativas de determinadas multinacionais, tais como Stone-X e Volcafé, cujas estimativas giram em torno de 24 a 28 milhões de sacas.

Com relação à evolução do consumo, merece atenção o desempenho que a China vem apresentando nos últimos anos, confirmando o fato de que os chineses seguem adotando o hábito de tomar um cafezinho. Em números reais, atualmente a quantidade ainda não é tão expressiva, com um consumo anual que gira em torno de 6,3 milhões de sacas. Nos últimos 4 anos, a China vem apresentando um crescimento anual próximo de 9%, se continuar nesse ritmo, haja café.

Se o cenário de fundamentos para o ciclo 2024/25 não é animador, quando inserimos na balança o cenário que está se desenhando para o ciclo de 2025/26, a situação fica ainda mais preocupante, o que justifica os incessantes recordes de preços. Recentemente, a Conab publicou sua previsão de produção para a safra deste ano (2025/26) com quebra em relação à safra anterior. Além disso, revisou também sua estimativa para a safra 2024/25, de previsão anterior de 54,789 milhões de sacas para 54,215 milhões, o que significa 574 mil sacas a menos. Em sua primeira estimativa para a safra brasileira de 2025, a Conab estimou que o Brasil deverá produzir um total de 51,814 milhões de sacas de café beneficiado, portanto, uma redução de 4,4% em relação à safra de 2024 e de 5,9% em relação à safra de 2023. É importante notar que o Brasil já vai para o quinto ano de produção abaixo de seu real potencial. De acordo com a Conab, a produção de café Arábica deverá ficar em 34,684 milhões de sacas, 12,4% a menos do que o ano anterior, uma queda que, além do ciclo de baixa bienalidade, reflete os efeitos da restrição hídrica associada às elevadas temperaturas no decorrer do ano de 2024. Já a produção de Café Robusta e Conilon deverá ficar em 17,130 milhões de sacas, um acréscimo significativo de 17,2%, impulsionado principalmente pelas boas precipitações verificadas no norte do Espírito Santo, que beneficiaram as lavouras de *Canephora*, que correspondem a 67% da área do estado e a 69% da produção nacional dessa espécie.

Arelado às frustrações produtivas dos últimos anos que culminaram em níveis de estoques alarmantes, o pico do consumo ocasionado pelo inverno no hemisfério norte deve manter a demanda aquecida justificando o alto fluxo de exportações brasileiras de café que, a propósito, no ano de 2024 bateu novo recorde histórico. Todavia, é importante frisar que o recorde de exportações de café do Brasil no ano de 2024 não se deve exatamente a um excesso de disponibilidade, até porque não existe, mas sim a uma demanda por cafés brasileiros extremamente aquecida diante: um consumo crescente; lacunas deixadas por grandes produtores como Vietnã e Indonésia que tiveram safras menores devido a adversidades climáticas; receios de desabastecimento perante a Lei Antidesmatamento da União Europeia (EUDR), que acabou sendo protelada para o ano de 2026 e, em especial, perante um quadro de oferta global restrita. De acordo com o relatório estatístico de janeiro/25 do Cecafé, em dezembro/24, na somatória de todos os tipos do produto remetidos ao exterior, o Brasil exportou 3,808 milhões de sacas, uma performance que representa queda de 8,1% em volume, mas alta de 42,2% no ingresso de divisas em relação ao mesmo período de 2023. Como posto em fatores

de pressão (mais abaixo), com o desempenho do último mês do ano, o Brasil bateu seu recorde anual de exportações em 2024, com total de 50,443 milhões de sacas exportadas, o que corresponde a 28,5% a mais na comparação com o ano de 2023 e 12,8% a mais do que o recorde anterior, registrado em 2020. Apesar dos recordes alcançados, o presidente do Cecafé lembrou que os exportadores associados vêm enfrentando uma série de entraves logísticos, principalmente nos portos, devido a contínuos atrasos e alterações de escala de navios para embarcar o produto, além de sucessivas rolagens de cargas. Ele ainda explicou que a performance histórica em volume e receita das exportações brasileiras reflete o cenário do mercado global, que vive momento de oferta restrita com consequente elevação dos preços da commodity.

Durante o mês de janeiro/25 e início de fevereiro/25, fatores técnicos continuaram pesando favoravelmente para os saltos vistos nas cotações uma vez que o rompimento de importantes linhas de resistência acompanhado da ativação de gatilhos automáticos de compras por parte de fundos de investimentos e especuladores intensificaram o movimento altista contribuindo para que novos recordes históricos fossem alcançados. Outro ponto que chama muita atenção é que recentemente, os fundos compraram um número relativamente expressivo (quase 20.000 contratos) de Calls (opções de compra) com vencimento maio/25, com preços de exercícios que variam de 400,00 cents/lb a 500,00 cents/lb na Bolsa de NY. Atualmente as cotações encontram-se variando de 400,00 a 410,00 cents/lb. Sabendo da força que os fundos possuem para impactar os movimentos das cotações por ser quem realmente detém recurso para margameento e, consequentemente, para especulação, não seria uma grande surpresa se as cotações atingissem os níveis de 500,00 cents/lb, é preciso seguir atento. Por outro lado, é importante frisar que, sob o ponto de vista técnico, esses movimentos de alta intensos e prolongados, com rompimento de importantes resistências, sempre deixam o mercado sobrecomprado e propenso a correções técnicas conforme explicado em fatores de pressão (logo abaixo).

A uma altura dessas, o cafeicultor brasileiro já comercializou algo em torno de 85% de sua safra 2024/25. A disponibilidade atual já não é tão alta. E encurtando ainda mais a oferta, o produtor segue resistente em vender seu saldo restante, pois, mesmo diante os atraentes níveis de preços, os produtores estão cientes da possibilidade de novos voos nos preços. De um certo modo, o apetite dos compradores contra a defensiva dos produtores vem tendo forte peso para o movimento altista dos preços. Tanto é que no mercado de exportação do Brasil, foi possível observar um estreitamento no diferencial de base FOB Brasil contra ICE Futures US. Um fine cup tipo 2/3 pen. 17/18 que há um mês estava +20 cents/lb, atualmente está em +24 cents/lb, já um fine cup tipo 2/3 MTGB que há um mês estava -10 cents/lb, atualmente está em -5 cents/lb.

Se por um lado há economistas que acreditam que as ameaças e retaliações de Donald Trump por meio do aumento de tarifas das importações provenientes de determinados países exportadores são negativas para a economia global, por outro lado, há economistas que acreditam que o Brasil pode obter alguma vantagem ampliando sua participação no comércio internacional, em especial, no setor de matérias primas e de alimentos que é o forte do país. Muitos analistas econômicos creem que o aumento da tarifação, principalmente sobre produtos asiáticos, pode se gerar uma oportunidade para o Brasil se tornar um fornecedor estratégico dos EUA, isso se Donald Trump não decidir sobretarifar o Brasil também. Com possível impacto direto na demanda por café brasileiros, Donald Trump anunciou aumento de tarifas de emergência de 25% em todos os produtos colombianos que entram nos EUA após país negar receber voos com imigrantes deportados. Apesar de toda aversão ao risco que as ameaças de Trump gera, a expectativa do

mercado era de que as medidas fossem ser mais agressivas, porém, o cenário observado vem sendo mais ameno, com Trump recuando de algumas decisões, tal como exemplo a não taxação de produtos mexicanos após negociações com a presidente do país, Claudia Sheinbaum. Com isso, a intensa aversão ao risco vem dando lugar a uma aversão ao risco menos intensa, o que vem, inclusive, colaborando para a desvalorização do Dólar, não somente contra o Real, mas também contra outras moedas. Além disso, o Federal Reserve (FED) decidiu manter a taxa de juros dos EUA inalterada, entre 4,25% e 4,50%, o que sugere que os impactos da política inflacionária de Trump não serão imediatos e nem mesmo tão intensos.

A desvalorização do US Dólar Index, do dólar contra o Real e contra outras moedas emergentes no decorrer do mês de janeiro foi outro fator que colaborou para um mês altista. A desvalorização do Dólar tende a dar sustentação às cotações nas principais Bolsas de café do mundo haja vista que a moeda de negociação nas referidas Bolsas é o Dólar e, diante sua desvalorização, o mercado tende a se tornar mais atrativo para a ponta compradora estimulando, assim, um movimento altista. Além disso, a desvalorização do Dólar tende a desestimular as exportações, o que também corrobora positivamente para as cotações do café nas Bolsas. Desta forma, a desvalorização do Índice do Dólar (US Dollar Index), que chegou a beirar 110 pts no início do mês de janeiro/25 e encontra-se atualmente abaixo de 108 pts juntamente com a desvalorização do Dólar contra o Real, que iniciou o mês de janeiro/25 acima de R\$ 6,20 e encontra-se hoje (07/02/2025) abaixo de R\$ 5,80 certamente serviu de gatilho para o movimento de alta nas principais Bolsas de Café do mundo.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

Apesar do mês de altas em janeiro/25, os fatores de pressão não deixam de marcar presença, embora não tão intensos como os fatores de sustentação. Nada fora do normal.

É importante seguir acompanhando atentamente o comportamento da demanda diante esta nova realidade de preços. Do início de novembro/24 ao final de dezembro/24, quando as bases da Bolsa de NY saltaram de 240,00 cents/lb para beirar 330,00 cents/lb, com a alta chegando nas prateleiras de supermercado e nas cafeterias no início de 2025, a demanda parece não ter cedido (ao menos nesse primeiro momento). A questão é que, dos 330,00 cents/lb até bater os níveis de 410,00 cents/lb, o salto foi muito rápido e intenso e a expectativa é que a atualização dos preços chegue no mercado consumidor do mesmo modo, rápido e intenso. Como o mercado consumidor reagirá com esses novos aumentos??

Como pode ser observado no gráfico da primeira página, indicadores técnicos como Estocástico, o Índice de Força Relativa e as Bandas de Bollinger dão evidências de um mercado sobrecomprado e próximo de uma correção técnica, com possível realização de lucros por parte dos fundos de investimentos e especuladores que possuem um elevado número de contratos comprados na Bolsa de NY. De acordo com o relatório da Comissão de Negociação de Contratos Futuros de Commodities (Commodity Futures Trading Commission), do dia 28/01, evidenciando um mercado sobrecomprado, os Non-Commercials (Não comerciais - fundos de investimentos e especuladores) detinham um saldo líquido comprado de 76.520 contratos futuros de café na Bolsa de NY, com 178 fundos detendo posição comprada de 85.902 contra 44 fundos detendo posição vendida de 9.382 contratos. São muitos contratos comprados nas mãos de poucos fundos e qualquer movimento desse pequeno grupo pode ter reflexo acentuado nas cotações.

As incertezas no cenário geopolítico e econômico global fizeram do mês de janeiro um mês de

muita desconfiança e aversão ao risco, o que para ativos de risco tal como o café, não é interessante, uma vez que todo esse cenário de instabilidade tende a fazer com que investidores liquidem suas posições em ativos de risco tal como o café. A imprevisibilidade que o novo presidente norte-americano provoca com suas ameaças de retaliação e aumento de tarifas gera muitas incertezas com reflexos que podem afetar a economia global. Até então, os principais alvos da sobretarifação norte americana vem sendo o México, o Canadá e a China. Nos últimos dias, Donald Trump também ameaçou a União Europeia de impor maiores taxas de importações vindas do bloco econômico e, em troca, a União Europeia reforçou que deve responder com firmeza a qualquer parceiro comercial que imponha tarifas injustas ou arbitrárias sobre produtos do bloco. Há os analistas que creem que, se todos começarem aumentar tarifas de importação, pode haver um recuo do comércio e da demanda internacional de um modo generalizado, o que é negativo para todos. Por fim, é importante observar que, apesar dos anúncios de Trump, as medidas que vem realmente sendo tomadas vem sendo bem mais amenas do que o esperado, o que, conforme exposto em fatores de sustentação (logo acima), ameniza muito a aversão ao risco gerada.

No cenário político e econômico interno, o destaque de janeiro foi a elevação da taxa de juros para 13,25% frente ao risco de deterioração da dinâmica inflacionária devido ao cenário fiscal brasileiro que segue preocupante. Se por um lado a elevação da taxa de juros do Brasil tende a atrair capital para o país, a expectativa de desaceleração da economia brasileira, com perda de confiança diante o cenário econômico ameaçador existente tende a elevar o risco do país gerando assim fuga de capital, uma situação conflitante e que torna as variações cambiais ainda mais imprevisíveis no cenário interno. Todo esse cenário incerto afeta negativamente ativos de maior risco como o café uma vez que intensifica a aversão ao risco por parte de investidores.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

O aperto no balanço entre oferta e demanda segue fomentando os palpites altistas. De fato, tudo pode acontecer e o mercado pode ir ainda além. Existe essa possibilidade sim, o difícil (impossível) é acertar o pico exato. Mas até quando a alta das cotações deve durar?? Apesar de ser uma verdadeira incógnita, o produtor deve se atentar ao fato de que o ciclo 2025/26 será limitado pela quebra da safra brasileira a ser colhida neste ano, o que deve seguir sustentando a alta das cotações. Por outro lado, é preciso se atentar que, até então, o clima vem contribuindo para que o Brasil colha uma boa safra no ano de 2026. É claro que ainda é muito cedo para cravar algo neste sentido, que ainda é tudo muito duvidoso e que tudo pode acontecer, mas indícios de uma safra volumosa para o ano de 2026 poderiam ocasionar, ainda no ano de 2025, um desmanche do atual posicionamento de segurança contra o risco de desabastecimento que os players seguem sustentando nas Bolsas, provavelmente em resposta a um clima favorável e às floradas do final do ano. É importante frisar que, trata-se apenas de uma possibilidade, mas que o produtor deve considera-la para montar parte de sua estratégia comercial. Até lá, é preciso olhar além do horizonte e enxergar que a atual realidade de preços não irá durar para sempre. Por isso, o produtor deve refletir sobre as possibilidades futuras de modo a garantir, ao menos, uma fatia de lucro para o que ainda não é certo. É preciso proteger-se escalonando e nunca exagerando, pois se acaso novos surtos climáticos ou até memos outros fatores surgirem trazendo preços ainda mais elevados, o produtor ainda terá mais café para vender. Do contrário, caso os preços recuem, o produtor garantiu, ao menos, uma parte da boa rentabilidade que os preços atuais estão propondo para agora e para o futuro.

Varginha, 07 de fevereiro de 2025.

Analista: João Marcelo Oliveira de Aguiar.

Superintendente Executivo - Fundação Procafé



VEM AÍ

DIAS DE CAMPO
AS TECNOLOGIAS QUE VOCÊ PODE VER

VARGINHA	21 E 22 DE MAIO 2025
FRANCA	23 DE ABRIL 2025
BOA ESPERANÇA	DATA A SER DEFINIDA

REALIZAÇÃO:  **FUNDAÇÃO PROCAFÉ**

ATENÇÃO EXPOSITORES, PROGRAMEM-SE. PARA MAIORES INFORMAÇÕES: JOYCE@FUNDACAOPROCAFE.COM.BR | LILIANA@FUNDACAOPROCAFE.COM.BR